



UNIVERSIDADE
NOVA
DE LISBOA

[4] SÉRIE II

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Cátedra UNESCO
O Património Cultural dos Oceanos Portugal

OCEANICA

As alterações de conjuntura, destacadas pelos investigadores do IHC no número anterior, dizem-nos que o exercício científico e criativo está hoje focado nas questões da preservação da integridade da biosfera e dos ciclos biogeoquímicos, defesa dos patrimónios cultural e natural. Vasco da Gama celebrou a grande viagem do conhecimento, *Os Lusíadas* (1572), que dava ao mundo, além dos lugares inesperados e desejados, cartas hidrográficas, oceânicas e costeiras, diários de bordo e técnicas de navegação: as áreas costeiras, portos e cidades comerciais, ilhas e estuários, navios e oceanos, transformaram-se em cenários da capacidade individual e coletiva para enfrentar as peripécias mais inesperadas.

Os textos fundadores da literatura de naufrágio da era moderna, compilados na *História Trágico-Marítima* (1755), desde logo a *Relação da Mui Notável Perda do Galeão Grande São João* (1552), anteciparam talvez a criação de um género específico do texto ficcional, o romance marítimo, e a aventura do pensamento e da palavra que o caracteriza: em *Robinson Crusóé* (Defoe, 1719) um sobrevivente “reconstrói” a humanidade numa ilha isolada; um submergível abole as medidas da distância e da duração, e institui os espaços marítimos como os de uma ciência renovada, em *Vinte Mil Léguas Submarinas* (Verne, 1870); a caça à baleia e o resgate da máquina de um navio a vapor são descritos numa linguagem figurativa, filosófica e emocional em *Moby-Dick* (Melville, 1851) e em *Os Trabalhadores do Mar* (Hugo, 1866); *Tufão* (Conrad, 1903) traduz a aplicação da aprendizagem formal à realidade num labirinto de hesitações. As ciências, as práticas e a gíria, inspiraram o poderoso elemento de consciencialização e simbolização que é a literatura ficcional marítima.

Procuramos hoje no IELT, nomeadamente através da antologia crítica *Imaginários do Mar*, apreender a emergência de novos sinais da literatura ficcional e não-ficcional e a sua articulação às ferramentas mais tradicionais. Convidámos, com este pensamento, o Museu de Portimão, entidade vocacionada para o estudo e divulgação do património marítimo tangível e intangível, a apresentar-se aos nossos leitores.

Carlos Clamote Carreto, Luís Sousa Martins, Anabela Gonçalves e Carolina Vilardouro (IELT – NOVA FCSH)

FICHA TÉCNICA

OCEANICA – Newsletter da Cátedra UNESCO “O Património Cultural dos Oceanos”, nº 4 da Série II (dezembro de 2020).

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Luís Sousa Martins (IELT)

EDIÇÃO E DESIGN
Joana Baço (CHAM)

REVISÃO DE CONTEÚDOS (PT)
Anabela Gonçalves (IELT)
Carolina Vilardouro (IELT)

REVISÃO DE CONTEÚDOS (EN)
Diana Barbosa (IHC)

REVISÃO DE MAQUETE
Carlos Moreira (IEM)

COMUNICAÇÃO
Carla Veloso (CHAM)

FOTOGRAFIA DA CAPA
Marco Zanin. Projeto “Ritualia” (2018).

Email para o envio de informações, notícias e sugestões de divulgação:
joanabaco@fcsch.unl.pt

Website da Cátedra UNESCO
“O Património Cultural dos Oceanos”
www.cham.fcsch.unl.pt/ext/catedra

Facebook:
[@catedra.unesco.nova.oceanos](#)
Instagram: [@catedra.unesco.oceanos](#)
Twitter: [@ChairOceans](#)



UM COLECTIVO E A SUA OBRA

Neste número o destaque ao investigador dá espaço e voz a um colectivo. Com José Gameiro, Diretor Científico, e Isabel Soares, Chefe de Divisão, uma espécie de PR e PM do Museu do Portimão, à cabeça, a equipa de investigação é variada. Temos a Ana Ramos, antropóloga, que trata cientificamente as conversas que tem com pessoas que sabem coisas; o António Pereira, de História, que passou das medievalices de estudante para o cheiro a peixe das fábricas; o Pedro Branco, também de História e tipo eurodeputado, pois tem de fazer a gestão do European Museum Forum; a Vera Freitas, a mulher mais empoeirada da casa, ou seja a nossa arqueóloga; a Ana Alexandre, com formação em Património, passou a ser a nossa “fiel de armazém” pois superintende as coleções e inventário; o designer Rui Nicolau, que transforma as ideias da malta em algo que o público consiga fruir e a Gisela Gameiro, a “mulher dos livros” (aka arquivista) que faz a ligação à informação que o Arquivo tem para oferecer.

Grupo difícil de isolar, segue uma fotografia da equipa do Museu, onde nos incluímos.

Pedro Branco (Museu de Portimão)



Parte da equipa do Museu de Portimão, junto ao vai-vem de descarga do peixe [Museu de Portimão].

UMA EDIÇÃO, UMA FOTOGRAFIA



Praia de S. João da Caparica, 2020. Autora: [Joana Gaspar Freitas](#)

Estas dunas estão em processo de reabilitação, através da plantação de vegetação e colocação de vedações e passadiços. O [projecto DUNES](#) está a investigar as primeiras intervenções, que começaram em finais do século XIX, com o objectivo de fixar estas areias.

A CÁTEDRA APOIA

Encontra-se disponível o [IX Tomo BRASPOR](#), resultado do IX Encontro da Rede BRASPOR. Este encontro aconteceu em outubro de 2019 e tratou-se de uma reunião que visou fomentar a cooperação entre investigadores, de várias áreas do saber, que se dedicam ao estudo dos sistemas costeiros. Tal como nos encontros anteriores, são privilegiadas as abordagens holísticas que contemplem enquanto conjunto o Homem e o Meio. Este encontro foi organizado pelo Centro de História (CH-ULisboa) e pelo Instituto de Estudos de Literatura e Tradição (IELT – NOVA FCSH), com o apoio da Câmara Municipal de Vila do Bispo e da Direção Regional de Cultura do Algarve.

4 PEQUENOS MOMENTOS DE CONHECIMENTO EM PALAVRAS, NARRATIVAS E COISAS

Conceito, objeto, instrumento e espécie marinha

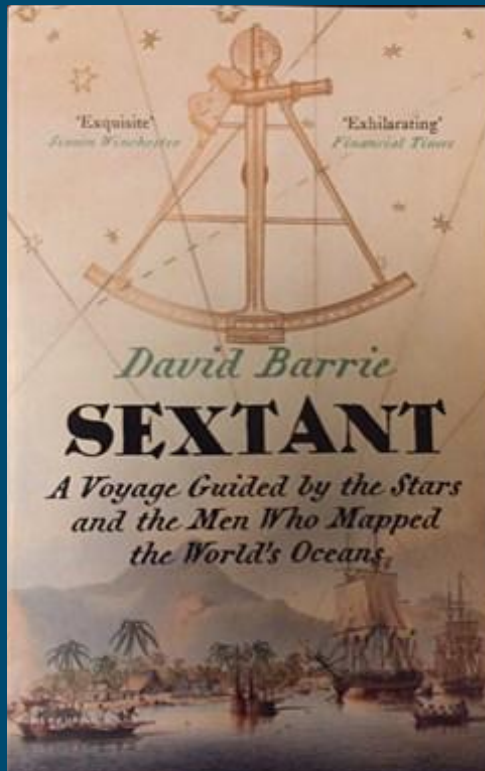


Os primeiros leitores de ficção marítima desfrutavam de um enredo constituído por sequências de um Problema-e-a-sua-Solução: seguiam a mestria dos protagonistas para superar imprevistos e dificuldades, fenómenos desconhecidos, designados nos diários de bordo e nos escritos de marinheiros-autores pela expressão “notáveis ocorrências” (Cohen, M., 2010. *The Novel And The Sea*. Princeton: Princeton University Press). Créditos: [Edouard Manet - On the Beach - Google Art Project.jpg]

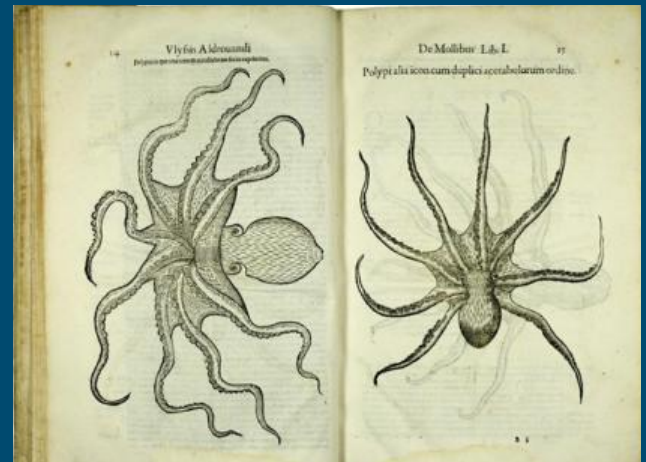


«Há outra coisa que alegra, a alma de toda a gente, são as conservas La Rose, quem diz o contrário, mente!»

Jingle publicitário da conserva “La Rose”, interpretado pela fadista Hermínia Silva para passar na rádio, enquanto estratégia de promoção desta conserva a nível nacional, no contexto pós II Guerra Mundial. Lata de conservas “La Rose”, ¼ club, de sardinha em azeite, produzida pela firma Feu & Hermanos Lda., entre 1902 e 1970. Autores: Ana Ramos e Pedro Branco (Museu de Portimão).



Um dispositivo e um livro. Sextante, o instrumento de navegação com que se calcula a latitude de um lugar através da distância angular de um astro ao horizonte. *Sextant: A Voyage Guided by the Stars and the Men Who Mapped the World*, um livro que narra a história deste dispositivo, a partir das viagens e dos protagonistas marinheiros que o empregaram, na forma de romance.



Também nas páginas dos livros as espécies nascem, transformam-se ou extinguem-se. Ulysse Aldrovandi descreveu a vida e a reprodução do polvo em *De reliquiis animalibus exanguibus* (1606). Eric Pontoppidan falou depois nos kraken, cefalópodes gigantes capazes de afundar navios (*História Natural da Noruega*, tradução inglesa, 1755). Denys-Montfort (1766-1820) reproduziu, em *A História natural, geral e particular, dos Moluscos*, o desenho de um ex-voto que estava numa capela de Saint-Malô e que mostrava um kraken a atacar uma nau. O termo pieuvre surgiu pela primeira vez em *Os Trabalhadores do Mar* (Victor Hugo, 1866). O kraken e a pieuvre são figuras e metáforas da aventura da palavra na literatura ficcional, e o polvo é uma realidade zoológica nas obras científicas.

“ESTAMOS TODOS NO MESMO BARCO”

Projetos, notícias, publicações e leituras rápidas

Projetos de investigação:

◆ Apontamentos para um “Museu do Salva-Vidas”

A estação salva-vidas de Alvor, inativa desde inícios dos anos 80, ainda hoje acolhe o barco a remos, de tipo dinamarquês, intitulado “Alvor”, que iniciou a sua atividade nesta vila em 1933, a prestar assistência e socorro às embarcações de pesca que cruzavam a barra. Contam-nos na vila que, após o encerramento da estação, em 1983, o Museu da Marinha quis levar para Lisboa esta embarcação salva-vidas e a população se revoltou. Os sinos tocaram a rebate e as gentes acorreram à ribeira. As portas da estação foram soldadas e os carris por onde a embarcação descia até ao rio, cortados. O desejo do povo, de que o barco salva-vidas permanecesse em Alvor, foi respeitado e, desde então, se fala num “museu do salva-vidas”.

Entre conversas com antigos membros da tripulação do salva-vidas, com facilidade se recua a um “tempo” em que os barcos a remos e à vela dominavam a paisagem marítima local e em que os homens saíam ao mar orientados pela estrela norte e pelos conhecimentos que apreendiam à custa da experiência, como saber distinguir o vento mareiro do vento norte... Sussurram-se aqui e ali histórias sobre naufrágios e desaparecimentos no mar, sobre as

dificuldades de entrada na barra em dias de suestada e de mar de fora, altura em que se formavam grandes e perigosos cabeços de areia antes da construção dos molhes, alterando o canal de entrada na barra... Falam-nos as mulheres, mães, esposas, filhas, sobre como geriam a vida do mar em terra e que, não raras vezes, em dias de mar tenebroso desciam também à praia em alvoroço para ajudarem os homens a vararem os barcos, porque não se conseguia entrar na barra.

Tudo isto terá ditado a necessidade da presença do salva-vidas na barra, conseguida com o esforço de uma tripulação de marítimos reunida pelo patrão, o “Zé Jorge”, à hora e muitas vezes à força, sob pena de uma participação na capitania, e que acabava por fazer falar mais alto o sentido de dever dos homens, pois uma coisa sabiam: “Hoje és tu, mas amanhã posso eu precisar!”. Atualmente esta embarcação participa numa das mais emblemáticas procissões da vila, A Nossa Senhora da Boa Viagem, perpetuando a sua imagem de símbolo local e fazendo uma ponte com o presente, pois importa também conhecer quem é hoje esta comunidade marítima.

Ana Ramos e Pedro Branco (Museu de Portimão)



Barco Salva-Vidas “Alvor” [imagem cedida pela Junta de Freguesia de Alvor]



Mestre João Pedro Pacheco com um dos seus desenhos da embarcação salva-vidas “Alvor” [Museu de Portimão].

Imaginários do Mar ◆

O Projeto *Imaginários do Mar* está associado à dimensão científica e pedagógica da Cátedra UNESCO “O Património Cultural dos Oceanos”. É uma ferramenta de e para a investigação científica e um recurso útil à prática docente. Nele cruzam-se registos, fontes e metodologias de diversos campos epistemológicos e move-o a com-pilação de fontes documentais e recursos críticos que forneçam os elementos constitutivos de um imaginário marítimo entre a Idade Média e a época contemporânea. Entre as muitas questões que surgem pensamos na designação do mar nos mitos topográficos, as suas características (formais, imagéticas ou enunciativas) nos mitos cosmogónicos e etiológicos, as modalidades de representação enquanto espaço fixo e móvel em relatos de navegação, de ilhas, rituais e crenças e lendas e provérbios e outras práticas culturais, a possibilidade de esboçar uma arqueologia simbólica do mar a partir dos relatos de naufrágios, tesouros subaquáticos, ilhas e cidades submersas.

[Carlos Clamote Carreto](#), [Joana Gaspar Freitas](#) e [Clara Sarmento](#) (IELT—NOVA FCSH)



◆ Conservação e Restauro



Prato em estanho, segunda metade do século XVII. Antes e pós intervenção com tratamento eletrolítico.

Os Oceanos são o palco de parte da história do Homem e, apesar de serem muitas vezes um ambiente hostil de combinação de ações físicas e químicas bastante abrasivas, são também o espaço no qual essa história ainda se mantém preservada. Porém, a sua descoberta promove, muitas vezes, alteração do meio e a degradação do património cultural nele existente. Compete ao conservador-restaurador o desafio da estabilização dos achados arqueológicos subaquáticos, permitindo que estes elementos da cultura material estejam disponíveis para o público e investigadores. Todo este trabalho tem vindo a ser desenvolvido pelo Laboratório de Conservação e Restauro do Museu de Portimão no sentido de poder expor e/ou manter em reserva a sua coleção de materiais arqueológicos subaquáticos.

Andreia Romão (Museu de Portimão)

Para ler com tempo: Em *La Vie Sous La Mer* (2020) conta-se aos jovens leitores como o ser humano foi, em sucessivas etapas, alcançando os fundos oceânicos, em apneia e em tonéis com escotilhas até aos ROV, Remotely Operated underwater Vehicle e às tentativas para habitar dispositivos submarinos estáticos. Um mergulho que em *Flotsam* (2006) é a história, narrada em desenho, de um menino que encontra na praia uma câmara fotográfica. Revelado, o rolo testemunha a vitalidade da vida marinha. Devolve-a ao mar, depois de colocar um novo rolo, para que continue a viagem e seja encontrada por outras crianças, que descobrirão novas evidências de um mundo maravilhoso. Os oceanos são também as ilhas que os romancistas e poetas põem nas suas histórias e que foram reunidas em *Archipelago: An Atlas of Imagined Isles* (2019) e os seres que os habitam, como em *8 Ways to Draw Fish* (2017). Mais recentemente, outras leituras são-nos dadas em *Memórias Navais* (2020), uma antologia de crónicas reunidas por João Freire sobre episódios e protagonistas da história das marinhas portuguesas.

Leituras rápidas:

- ◆ “Beyond the dead white whales: literature of the sea and maritime history”, uma abordagem interessante, no artigo de Lincoln Paine, que fala nos desequilíbrios e carências extremas do ensino da literatura do mar no ensino universitário.

PORTO DA CIDADE

O Rio Arade e o Porto de Portimão

A partir de finais do século XIX, com o surgimento da industrialização, o rio Arade e o porto de Portimão consolidaram a sua vocação enquanto canal estratégico de circulação interna e de exportação de produtos locais e regionais. A dinâmica industrial e portuária contribuiu para a elevação de Portimão a cidade em 1924. Do concelho partiam figos, amêndoas, sal, laranjas, vinho, aves, peixe, obras de palma e esparto, cortiça, mel, alfarroba, legumes, frutas, a que se reuniam os géneros dos concelhos de Monchique, Silves, Lagoa, Albufeira, parte de Lagos e de outras povoações. Assim, quando a indústria conserveira surgiu em Portimão (1892), possibilitada pela evolução da pesca ao cerco, a sua estrutura de exportação portuária já se encontrava bem desenvolvida. Em 1904 entraram na foz do Arade 241 embarcações de pesca e, entre 1910 e 1914, trabalhavam cerca de 1300 homens na captura da sardinha. Na década de 1930, o porto ganhou uma posição cimeira no Algarve. Em 1931 Portimão exportou para Inglaterra, América do Norte, Alemanha e França 11 mil toneladas de caixas de conserva (400 mil unidades), cujo valor ultrapassou o de outras mercadorias como a cortiça, o figo e a amêndoa.



Porto de Portimão. Fonte: Centro de Documentação e Arquivo Histórico do Museu de Portimão.

Ana Ramos e Pedro Branco (Museu de Portimão)

Ref. Bib:

NUNES, Joaquim A., 1956, *Portimão*, in Estudos Algarvios III, Casa do Algarve, Lisboa;
DUARTE, Maria João Raminhos, 2003, *Portimão – Industriais conserveiros na 1.ª metade do século XX*, Edições Colibri, Lisboa;
VENTURA, Maria da Graça M; MARQUES, Maria da Graça M., 1993, *Portimão*, Col. Cidades e Vilas de Portugal, Ed. Presença, Lisboa

NOTA DA EQUIPA EDITORIAL

Abstração das tecnologias e das quimeras da época, arquivo de património cultural e natural, o submarino Náutilus é, em *Vinte Mil Léguas Submarinas*, um instrumento, simbólico e físico, de estudo no contexto das ciências e das reflexões culturais emergentes: arqueologia, oceanografia e biologia marinha em especial, mas também etnografia e literatura. De Oceânica em Oceânica dialogamos entre Centros com vocações distintas: como Jules Verne, pensamos que o registo e a descrição dos factos são uma face do saber, que tem na escrita um modo de mostrar como este (saber) é de igual modo uma paixão. É tanto um sentimento de cientista quanto uma emoção literária o encanto do naturalista Aronnax por este submergível que percorre os oceanos como uma andorinha e oferece o conhecimento numa constante vertigem: o túnel subterrâneo que une a navegação das águas do Índico e do Golfo Pérsico às do Mediterrâneo e a travessia entre paredes de gelo rumo à descoberta de um continente no Polo Sul; a diversidade da vida marinha em profundidades impossíveis e a oportunidade de divagar sobre o destino humano diante das ruínas da Atlântida. O CHAM, centro de investigação a que a equipa editorial da newsletter passa o testemunho, mostrar-nos-á, através de mais clareiras e escafandros, novos modos de apreender as paisagens marinhas.